



# A Palavra de Jesus segundo Marcos: cruz e seguimento\*\*

The Word of Jesus according to Mark:  
cross and the follow-up

*Erik Dorff Schmitz\**

Recebido em: 17/03/2020. Aceito em: 08/05/2020.

**Resumo:** *Nesse artigo queremos mostrar como se dá pela Palavra de Jesus, segundo o evangelista Marcos, o convite ao seu seguimento e cruz. Centralizando-se na tradição desse evangelista afirmamos que a cruz é caminho de seguimento de Jesus Cristo. Quem quiser seguir a Ele e sua pedagogia, tem que renunciar a si mesmo e tomar a cruz. Para mostrar essa pedagogia de Jesus, iremos apresentar a cruz e seus significados, a virada pedagógica de Marcos na confissão de fé de Pedro (8,29), o primeiro anúncio da Paixão (8,31), segundo anúncio da Paixão (9,31), terceiro anúncio da Paixão (10,33), e por fim a cruz e o seguimento (8,34). Mesmo muitas vezes sendo apresentada como realidade de sofrimento, queremos também afirmar como a cruz pode ser um caminho de libertação e redenção.*

**Palavras-chave:** *Palavra. Jesus. Marcos. Cruz. Seguimento.*

**Abstract:** *In this article we want to show how the Word of Jesus, according to Mark evangelist, gives an invitation to accompany him and cross. Focusing on the tradition that affirms evangelists who cross the path of following Jesus Christ. Whoever wants to follow Him and his pedagogy, has to renounce it and take up the cross. To show this pedagogy of Jesus, we will present a cross and its meanings, a pedagogical turn of Mark in the faith of Peter (8,29), the first announcement of passion (8,31), the second announcement of passion (9,31),*

\* Doutorando em Literatura (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis). Mestre em Literatura (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2019). Bacharel em Filosofia (Faculdade São Luiz – FSL, Brusque, SC, 2011). Bacharel em Teologia (Faculdade Católica de Santa Catarina – FACASC, Florianópolis, 2015). Graduando em Letras Português (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis).

E-mail: erik.schmitz@hotmail.com

\*\* Este artigo é um extrato do Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Teologia da FACASC - Faculdade Católica de Santa Catarina, desenvolvido e concluído em 2015 sob orientação do Prof. Ms. Celso Loraschi, com o título *A cruz e o seguimento de Jesus no Evangelho de Marcos*. O capítulo II foi adaptado para esta publicação.



*third announcement of passion (10,33), and finally the cross and follow (8,34). Even though it is often a comment like the reality of suffering, we also want to indicate how the cross can be a path of liberation and reduction.*

**Keywords:** *Word. Jesus. Marcos. Cross. Follow-up.*

## 1 Introdução

Com o evangelista Marcos podemos ver uma pedagogia do seguimento de Jesus através do convite condicional da Palavra: “Quem quiser ser meu discípulo, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” (8,34). Para adentrar nesse caminho, iremos apresentar a teologia da cruz e do seguimento de Jesus no Evangelho de Marcos. Porém, primeiramente temos que voltar nossa atenção para a realidade da cruz, que pode ser interpretada de várias formas, mas que em nesse artigo deverá ser analisada na ótica do seguimento.

## 2 A cruz e seus significados

Nos dicionários de teologia encontramos uma densidade de sentidos para a cruz cristã. A palavra que agora normalmente se traduz por “cruz” representa em geral um instrumento de tortura e execução. E obteve significado especial pela clara conexão com a morte de Jesus. Duas palavras do grego se empregam para o instrumento de execução com a morte de Jesus: *xylon* (madeira, árvore) e *stauros* (estaca, cruz). Nos Evangelhos, *stauros* se emprega nas narrativas da execução de Jesus, e na literatura paulina, simboliza os sofrimentos e a morte de Cristo. *Xylon* se emprega comumente na literatura para madeira como material de construção, combustível, etc.<sup>1</sup>

Historicamente, a primeira representação com data da cruz em monumento cristão encontra-se numa inscrição de Palmira no ano de 134. Nas catacumbas gregas ou latinas é raro aparecer o sinal da cruz. Muitas vezes é substituída pelo T, que corresponde a forma de cruz usada na crucificação de Jesus. Os sarcófagos dos séculos IV e V mostram a tendência de representar a cruz sem o crucificado. Com isso se pode aludir à larga

<sup>1</sup> Cf. CHOWN, Gordon. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1981. p. 555.



expansão simbólica da cruz como centro da nova criação, como árvore da vida, como eixo do mundo, como escada do céu entre outros significados.<sup>2</sup>

Num breve resgate histórico podemos olhar o ato da crucificação de Jesus numa cruz (*xylon, stauros*), como um ato cruel e bárbaro, típico do governo romano da época. Como afirma José Antônio Pagola:

*Naquele tempo a crucificação era considerada a execução mais terrível e temida. Flávio Josefo a considera “a morte mais miserável de todas” e Cícero a qualifica como “o suplício mais cruel e terrível”. Eram três os tipos de execução mais ignominiosos entre os romanos: agonizar na cruz, ser devorado pelas feras ou ser queimado vivo na fogueira. A crucificação não era uma simples execução, mas uma lenta tortura. [...] A crueldade da crucificação tinha a intenção de aterrorizar a população e servir de escarmento geral.*<sup>3</sup>

Se isso não bastasse, numa análise histórica, o fato da morte de um homem (Jesus de Nazaré) numa cruz, às vésperas daquela Festa da Páscoa, parece não ter causado muito efeito na vida dos transeuntes. As crucificações eram comuns nas localidades subjugadas por Roma. Como afirma Aleksandr Mien:

*Diz-se muitas vezes que a morte de Jesus Cristo foi um fato que a sociedade de seu tempo não fez nenhum caso, um acontecimento que passou sem ninguém lhe prestar particular atenção. Pois bem, nada mais certo. [...] A Cidade Santa, que naqueles dias pululava de peregrinos, continuou a viver sua vida. Além do mais, nos quatro anos de governo de Pilatos, as pessoas se haviam acostumado a execuções de toda espécie, e o povo que vinha a Jerusalém de todas as partes quase nem ligava mais para as cruzes nas colinas.*<sup>4</sup>

Logo, a cruz (*xylon, stauros*) era um sinal comum na Jerusalém da época de Jesus. As crucificações também. Retirando essa interpretação cruel, brutal e negativa com o passar do tempo e com a formação das primeiras comunidades, a cruz de Cristo passa a ser motivo de seguimento pelos cristãos e passa a ter uma interpretação positiva. E é por

<sup>2</sup> Cf. HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos símbolos: imagens e sinais da arte cristã*. São Paulo: Paulus, 1994. p. 123-124.

<sup>3</sup> PAGOLA, José Antônio. *Jesus: aproximação histórica*. Tradução de Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 464-465.

<sup>4</sup> MIEN, Aleksandr. *Jesus, Mestre de Nazaré: a história que desafiou 2000 anos*. Tradução de Irani B. Silva. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 1998. p. 276.



esse caminho que devemos ler o evangelista Marcos para apreender a sua pedagogia. Como para Jesus, também para o cristão entende-se e suporta-se a cruz a partir da lógica do agir em prol do Reino de Deus e não do sofrimento. A cruz é seguimento em vista de uma pedagogia com proposta libertadora. O sofrimento pelo sofrimento não está em primeiro plano.<sup>5</sup>

## 2.1 A virada pedagógica de Marcos: a confissão de fé de Pedro (8,29)

Estruturalmente o Evangelho de Marcos se divide claramente em duas partes. Na primeira (1,1 – 8,29) os discípulos ainda não reconhecem quem é Jesus, só o reconhecerão a partir da confissão de fé de Pedro. Na segunda parte (8,30 – 16,20) Jesus através de seus sinais vai se revelando como Messias e Senhor e caminha com eles rumo à cruz e ressurreição em Jerusalém.

Ched Myers também afirma que as duas partes narrativas em que é “tecido” o livro são feitas para construir a comunidade do discipulado. Em uma análise mais objetiva, Myers também afirma a centralidade da pessoa de Jesus relatada por Marcos:

*Marcos existencializa a presença do Jesus vivo nessa narrativa, porém mais como crítico do que como pastor da igreja, como escudo protetor contra os que, na igreja, queriam domesticar Jesus para atender seus próprios fins. Jesus não é apresentado como “a resposta”, senão como a pergunta dirigida à igreja; assim, lá bem no meio do evangelho surge a pergunta: “Quem dizeis que eu sou?” (8,29), que provoca crise confessional.<sup>6</sup>*

Por ser o Evangelho mais breve, ele se caracteriza por um tom catequético, instigador, questionador e crítico. Jesus não é uma figura conveniente e passiva, que faz a vontade dos discípulos e da multidão. Mas é aquele que envolve seus interlocutores em perguntas e respostas, dúvidas e certezas, e num itinerário de crescimento em formação e consciência.

Diante disso, podemos empregar José A. Pagola que nos introduz no texto central para a pedagogia da Palavra de Jesus, narrada por Marcos:

<sup>5</sup> Cf. EICHER, Peter. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 147.

<sup>6</sup> CHED, Myers. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 142.



*O episódio ocupa um lugar central e decisivo no evangelho de Marcos. Os discípulos já estão convivendo com Jesus há algum tempo. Chegou o momento em que precisam se pronunciar com clareza. A quem estão seguindo? O que captam em sua vida, em sua mensagem e em seu projeto?*<sup>7</sup>

Vamos usar para essas reflexões obras que nos inserem numa leitura espiritual, exegetica e bíblico-teológica.

Como afirma Carlo Maria Martini, a partir de agora adentramos no centro do Evangelho de Marcos e da pedagogia de Jesus. Percorreremos o itinerário espiritual dos doze e assim entraremos na realidade mais profunda do mistério do Reino de Deus.<sup>8</sup> Veremos que:

*O catecúmeno que respondeu afirmativamente a Jesus Filho de Deus, quando se sentiu chamar junto ao lago, experimenta, na prova de fé à qual é submetido através do seguimento de Jesus, que é introduzido numa situação inesperada e nova; situação na qual valem as leis do encontro pessoal, da humildade, da espera, da paciência. Este é o ensinamento de Jesus nos primeiros oito capítulos de Marcos. A convivência com ele leva os discípulos a compreenderem gradualmente que a vida que abraçaram não é uma existência em que valem as leis da eficiência, do sucesso, do poder, mas antes as leis do ocultamento, do encontro pessoal, da pequenez. (MARTINI, 1984, p. 69-70)*

Mas devemos nos perguntar: qual é o evento que conduz da primeira à segunda fase da pregação de Jesus?

*É o episódio da confissão messiânica de Pedro em Cesareia. Este é o ponto central a partir do qual encontramos uma mudança nos temas da pregação de Jesus. E é na segunda parte que ele se entrega, de modo particular, a uma formação mais acurada do grupo dos Doze. Na primeira parte eles o seguem, veem o que ele faz; na segunda parte, ele se dirige a eles com mais frequência e intimidade. (MARTINI, 1984, p. 71)*

Devemos ver após a confissão de fé de Pedro as três predições da Paixão. E por que três? Porque o que é essencial deve ser repetido: três vezes. A primeira predição segue imediatamente a confissão de Pedro e as outras duas se sucedem em intervalos de um capítulo cada; ou seja,

<sup>7</sup> PAGOLA, José Antônio. *O caminho aberto por Jesus: Marcos*. Tradução de Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 162.

<sup>8</sup> Cf. MARTINI, Carlos Maria. *O itinerário espiritual dos doze no Evangelho de Marcos*. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1984. p. 69.



em intervalos regulares. Essa sucessão rítmica é intencional. Trata-se então de um ensinamento importante. Por isso é colocado logo no início da segunda parte. (MARTINI, 1984, p. 71)

Tendo isso presente, devemos buscar no Evangelho a virada pedagógica de Jesus. O texto de Marcos 8, 27-30 diz textualmente assim:

*Jesus partiu com seus discípulos para os povoados de Cesareia de Filipe e, no caminho, perguntou a seus discípulos: “Quem dizem os homens que eu sou?” Responderam-lhe: “João Batista; outros, Elias; outros ainda, um dos profetas”. E vós, perguntou ele, quem dizeis que eu sou?” Pedro respondeu: “Tu és o Cristo”. Então proibiu-lhes severamente de falar a alguém a seu respeito.*

Diante desse texto, que é ponto de partida para o caminho do seguimento e da cruz, apresentamos o que nos traz Russel Champlin em sua análise exegética. Primeiramente devemos ter conhecimento de que:

*Cesareia de Filipe era a cidade central da área, cercada por aldeias de menor importância. A cidade ficava perto das cabeceiras do rio Jordão, cerca de 40 Km do lago da Galileia. [...] O Senhor foi até esse ponto norte, e não mais, em seus circuitos, exceto as visitas de Tiro e Sidom. A secção seguinte mostra como Jesus começou a fortalecer os discípulos em face do desastre iminente. Ele quis que primeiro entendessem sua verdadeira identidade. [...] A identidade de Jesus, o Messias, torna-se central no relato dos evangelhos, como sucede até hoje para os crentes.<sup>9</sup>*

Entender a verdadeira identidade de Jesus era necessário para os discípulos. Uma vez que a ideia do povo de quem era Jesus estava errada, a dos discípulos também. Jesus não era este ou aquele de novo (João Batista, Elias, etc.), mas reunia em si mesmo as outras missões, pois todos os outros em certo sentido, foram precursores dele. No entanto, ele transcendeu imensamente a todos. Ele é o Cristo, o Filho de Deus, o genuíno Messias e Salvador. Pedro respondendo que ele “é o Cristo” chega a um plano de profunda fé. (CHAMPLIN, 1982, p. 730)

Também era necessário guardar um segredo, o segredo messiânico, algo um tanto obscuro na redação de Marcos. Afirmo Champlin:

<sup>9</sup> CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento Interpretado*. V. 4. São Paulo: Milenium, 1982. p. 730.



*Este é o mais claro versículo [30] de que dispomos em apoio à ideia de alguns estudiosos que Jesus tinha um segredo messiânico. Em outras palavras, ele chegou à ideia de que era o Messias, tal como sucedeu com seus discípulos, e por algum tempo ambos vieram a crer nisso, mas mantiveram a ideia em segredo. Assim, neste ponto, Jesus ansiava que as multidões não tivessem tal ideia, por enquanto, até que estivessem bem preparadas para isso, e incisivamente ordenou aos discípulos que não revelassem o segredo. Embora os evangelhos tenham sido escritos para comprovar o caráter messiânico de Jesus, e não para lançar uma nuvem de dúvidas a respeito, parece quase certo que este versículo envolve um segredo sobre o tema, o qual Jesus conservou consigo por algum tempo, até que sentiu que chegara o tempo para tal revelação. (CHAMPLIN, 1984, p. 730)*

Esse segredo não pode ser revelado rapidamente, nem mesmo os discípulos estão prontos para recebê-lo logo. Ao descer da montanha da segunda parte do evangelho de Marcos, porém, os discípulos vão ter vários sinais de quem é Jesus.

Esse episódio é também o início de uma profunda catequese dada pelo próprio Jesus. Catequese que ainda hoje somos convidados a receber. Segundo o pensamento de José Bortolini:

*Do ponto de vista do discipulado, temos então a seguinte constatação: A resposta de “quem é Jesus” deve estar isenta de influências vindas da opinião pública. Deve ser coisa pessoal. De fato, depois de um primeiro round, Jesus volta à carga, interpelando pessoalmente os discípulos: “E vocês, quem dizeis que eu sou?” A resposta deles deve superar a de Herodes, segundo o qual Jesus seria João Batista ressuscitado dos mortos (6,16), e deve superar também a opinião popular, que não descobriu ainda “quem é Jesus”.<sup>10</sup>*

A mentalidade dos discípulos precisa evoluir. Diante disso, podemos dar passos adiante.

## 2.2 Primeiro anúncio da paixão (8,31)

Ao analisar os três anúncios da Paixão, percebemos claramente a intenção de Jesus de, a partir deste momento, seguir em direção a Jerusalém para fazer a vontade do Pai. O texto diz que “Jesus começou

<sup>10</sup> BORTOLINI, José. *O Evangelho de Marcos para uma catequese com adultos*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 167.



a ensinar” (8,31), se percebe que é um ensinamento novo, um novo mandamento para a formação dos Doze. Jesus diz por sua Palavra que o Filho do Homem deveria sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos sacerdotes-chefe e escribas, ser entregue à morte, mas ressuscitar depois de três dias. E disse isso abertamente. (MARTINI, 1984, p. 72)

Como nos mostra Martini:

*Jesus ensina uma coisa que nunca havia sido mencionada antes, e penetrava verdadeiramente até o fundo de seu ministério. Ensina que “deve”; ou seja, que o que está para começar pertence ao mistério da salvação; que é desígnio de Deus para a redenção da humanidade. (MARTINI, 1984, p. 72)*

E a cruz implica em muitas consequências:

*“Sofrer muitas coisas e ser rejeitado”: ser rejeitado pelos presbíteros, pelos sacerdotes-chefes, pelos escribas; isto é, pela gente de cultura, pelas categorias sociais que então tinham importância. “E ser morto, e depois de três dias ressuscitar. E dizia isso abertamente”: isso nos faz compreender precisamente que até agora Jesus não tinha falado abertamente. Ele atraiu os seus – particularmente os Doze – com o fascínio proveniente de sua pessoa, de seu poder miraculoso, de sua bondade; encheu-os de confiança para com Ele. Agora que são um pequeno grupo, já bem compacto, pode falar-lhes com clareza. (MARTINI, 1984, p. 72)*

Jesus começa a mostrar-se como Messias sofredor com mais clareza. Para Champlin, Jesus previu e aceitou seus sofrimentos, mas também previu sua ressurreição. Ele não foi surpreendido. Para os judeus seria inaceitável a ideia de um Messias rejeitado, morto e crucificado. Pois se terminasse sua vida na terra, dificilmente ele obteria o triunfo sobre o governo romano. Mas o evangelista mostra que tudo isso fazia parte do plano divino, e que Jesus tinha consciência do fato, tendo-o até predito. (CHAMPLIN, 1984, p. 730-731)

Chama a atenção a repreensão de Pedro a Jesus, inconformado com o que o Messias afirmava que iria passar:

*Sem dúvida, nas mãos dos evangelistas, esse fracasso foi usado como tipo de como, até então, os judeus continuaram a falhar. Continuavam a tomar o Messias a um lado, deplorando qualquer ideia de sofrimento em sua pessoa. Mas a história mostra-nos que o próprio Messias reпреendeu esse tipo de atitude. [...] Jesus esperava que seus discípulos*





*prosseguissem, apesar da predição de desastre, ainda que tivessem de fazê-lo em fé cega, até que pudessem ser melhor instruídos sobre o que significaria aquele evento. [...] Pedro como que disse cala-te, à verdade que não pode acolher. (CHAMPLIN, 1982, p. 731)*

Em outra análise, mais catequética, Bortolini mostra a figura de Pedro nesse primeiro anúncio:

*Pedro reage de forma dura. Marcos demonstra-o usando o mesmo verbo com que Jesus ameaçou anteriormente (8,30). É o verbo epitimao, traduzido como “repreender”. Além disso, conduz Jesus a um lugar à parte. [...] Mas Jesus não se intimida, respondendo à altura, com a mesma repreensão, e chamando Pedro de Satanás, palavra de origem hebraica que significa “rival”. O momento é grave e tenso, e parece ser a suprema tentação sofrida por Jesus. [...] Jesus manda o Satanás Pedro passar para trás dele. Mesmo chamando-o de Satanás, Jesus crê que Pedro poderá se tornar bom seguidor [...] (BORTOLINI, 2003, p. 168-169)*

Com essa repreensão equivocada de Pedro aprendemos que para ser seguidor de Jesus não se pode pretender um Messias feito sob medida, conforme os interesses e caprichos que queremos. Mas cada seguidor deve se tornar à imagem e semelhança dele, caminhar atrás dele. (BORTOLINI, 2003, p. 169) É esse o caminho que continuaremos.

### 2.3 Segundo anúncio da Paixão (9, 31)

O segundo anúncio da Paixão, segundo Martini, é muito breve:

*“O Filho do Homem será entregue às mãos dos homens e lhe tirarão a vida. Uma vez morto, ressuscitará, depois de três dias! Eles não compreendiam esta palavra, mas tinham medo de lhe fazerem perguntas.” Temos Jesus que, sempre mais perto do grupo dos seus, forma-os no único ponto essencial e apresenta o mistério central do Evangelho; ou seja, Ele, sua morte e ressurreição. [...] A proposta de Jesus é absolutamente incompreensível, que não tem comparação com nenhuma outra proposta humana. (MARTINI, 1984, p. 76)*

Nessa altura da caminhada rumo a Jerusalém, o evangelista nos mostra objetivamente que aquele que era o homem representativo, para o bem da humanidade, deveria ser maltratado e até morto às mãos dos homens. Jesus ensinou a seus discípulos acerca de sua morte para breve, ao invés de meramente anunciá-la. Era importantíssimo assunto. O



Messias tinha de sofrer e morrer. Mas os judeus tinham grande dificuldade em reconhecer um Messias que também fosse o Servo Sofredor. (CHAMPLIN, 1982, p. 738) Os seguidores de Jesus “talvez já tivessem aprendido a mostrar cautela, não revelando sua ignorância, o que era repugnante para Jesus, pois ele esperava muito mais da parte deles”. (CHAMPLIN, 1982, p. 738)

Para Bortolini, sempre há um aprendizado catequético na reação do segundo anúncio:

*A reação do segundo anúncio é interessante. Em primeiro lugar, afirma-se que os discípulos não compreendiam (9,32). O tema da incompreensão já apareceu várias vezes, e nelas os discípulos recebem de Jesus um puxão de orelhas. Associado à incompreensão está o medo, que também já apareceu e ainda aparecerá, compondo um quadro patético do discípulo que segue Jesus. Aqui o medo é de fazer perguntas, coisa que não acontecia antes e não vai acontecer depois. Estamos pois diante de uma situação especial, e tudo leva a crer que o motivo é o conteúdo da discussão ao longo da viagem. (BORTOLINI, 2003, p. 181)*

Assim, nesse breve segundo anúncio, vemos que ele é como no primeiro, seguido de uma conversa franca entre Jesus e seus discípulos.

#### 2.4 Terceiro anúncio da Paixão (10,33)

Chegamos ao terceiro e último anúncio da Paixão. Este é mais amplo do que os anteriores. E começa assim: “Estavam no caminho, subindo para Jerusalém. Jesus ia à frente deles. Estavam assustados e acompanhavam-no com medo. Tomando os Doze novamente consigo, começou a dizer o que estava para lhe acontecer” (10,32)

Martini afirma que Marcos parece querer infundir-nos coragem dizendo que os apóstolos demoraram muito para compreender; Jesus era amado por eles, estava no meio deles, andava diante deles, e eles não podiam deixar de segui-lo; sentiam uma atração interna por ele, mas quanto a compreender verdadeiramente o coração do mistério, havia ainda um longo caminho. (MARTINI, 1984, p. 77)

Mesmo assim Jesus não volta atrás, vai esclarecendo e dizendo a verdade de seu destino:

*“Novamente ele tomou consigo os Doze e começou a lhes falar sobre o que iria acontecer com ele: Eis que estamos subindo para Jerusalém e*



*o Filho do homem vai ser entregue aos sacerdotes-chefes e aos mestres da lei. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos pagãos, que farão zombarias às suas custas, cuspirão nele, o açoitarão e lhe tirarão a vida. Mas depois de três dias ressuscitará.” De novo está presente o mistério, com uma notável insistência nos momentos em que Jesus é rejeitado e desprezado. Por isso a pregação se torna uma nova exigência para os apóstolos de entregar-se a ele e aceitar todo o mistério na sua globalidade, porque não há ressurreição sem a passagem através do sofrimento. (MARTINI, 1984, p. 77)*

Na análise de Champlin, este terceiro anúncio da Paixão se assemelha à própria narrativa da Paixão:

*O vs. 32 pode ser um reflexo do que realmente sucedeu, mas isso não é motivo para supormos que Jesus não fez várias predições sobre sua morte, incluindo diversas circunstâncias que acompanhariam sua agonia. Caracteristicamente, Marcos menciona a apreensão, subentendendo falta de entendimento da parte dos discípulos sobre a predição de Jesus, embora a própria admiração possa ter sido início do entendimento. (CHAMPLIN, 1982, p. 77)*

Percebe-se que Jesus predisse realisticamente seus sofrimentos. Ele não buscou diminuir o horror que enfrentaria, e nem suavizou o anúncio aos seus discípulos, pois deveriam ter uma visão realista dos rigores do discipulado. Jesus mostra que a vitória não será conquistada sem a agonia; e a agonia de Cristo obteve a mais esmagadora vitória possível. Ele nos convoca a conhecermos esse ângulo do discipulado. Predisse tais sofrimentos para si mesmo, mas também predisse para seus discípulos, sem enganá-los. Devemos nós estar dispostos a sofrer como ele sofreu pela causa do Reino de Deus, tomar a cruz e segui-lo. (CHAMPLIN, 1982, p. 751)

O aprendizado catequético do seguimento vai em frente também, e já no terceiro anúncio temos que ver com maior clareza o que Jesus quer. Bortolini esclarece:

*É o terceiro anúncio da paixão, seguido da terceira reação estranha dos discípulos e do terceiro ensinamento personalizado de Jesus. Há uma progressão na ganância (ou ignorância) dos discípulos. [...] Aqui a dramaticidade aumenta pela menção da proximidade de Jerusalém. No primeiro anúncio, Jesus falava abertamente; no segundo, reforça-se o ensinamento personalizado a respeito do Messias doador da vida até a morte; no terceiro, Jesus caminha à frente, sozinho, decidido.*



*Os discípulos vão atrás, espantados. [...] Mas a morte não terá a última palavra, pois o humano Jesus irá ressuscitar, ação definitiva que supera e relativiza todas as ações anteriores.* (BORTOLINI, 2003, p. 198-199)

Com estes três anúncios da paixão, temos a tríplice afirmação do Filho do Homem, humilde e frágil, diferente do Messias/Cristo, poderoso, triunfalista, que não condiz com a prática de Jesus. Vamos agora ver a cruz e o seguimento.

## 2.5 A cruz e o seguimento (8,34)

Após termos analisado a caminhada e a virada pedagógica de Jesus no Evangelho de Marcos, podemos perceber pelas negações de Pedro e as exortações do Mestre que o caminho dos discípulos e de nós hoje é o caminho da cruz e do seguimento.

Por isso queremos nos centrar na principal exortação de Jesus aos seus discípulos: “Chamando a multidão, juntamente com seus discípulos, disse-lhes: ‘Se alguém quiser ser meu discípulo, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me.’” (8,34).

Com esse convite Jesus chama a todos ao discipulado, ao seguimento. E ser discípulo de Jesus é renunciar a si mesmo, tomar a cruz e caminhar com Ele. A partir desse momento os discípulos entenderão muito lentamente qual é de fato o chamado de Jesus, mesmo Ele sendo direto e explícito. Dizer sim definitivamente à cruz e ao seguimento exige renúncias, exige tempo, exige mudança de vida.

Na obra de Marcus J. Borg e John Dominic Crossan – *A última semana* – vemos que cada um dos anúncios da morte de Jesus é complementado sobre o ensinamento do que significa segui-Lo:

*No cristianismo do século I a cruz tinha um significado duplo. Por um lado representava a execução levada a cabo pelo império; apenas o império crucificava, e somente por um crime: negar a autoridade imperial. A cruz ainda não se tornara um símbolo generalizado de sofrimento, como costuma ser hoje, quando falar de uma doença ou qualquer dificuldade como “carregar uma cruz”. [...] Por outro lado, na época do evangelho de Marcos a cruz também havia se tornado um símbolo do “caminho” da morte e da ressurreição, da entrada na vida nova e da morte para uma*



*vida antiga. A cruz como o “caminho” da transformação é encontrada em Paulo e também está presente em Marcos.<sup>11</sup>*

Já no livro *O Itinerário Espiritual dos Doze*, de Martini, vemos que a partir do versículo 34 do capítulo 8 há uma transposição de responsabilidade para os discípulos. Jesus falou nesse momento também sobre si e sobre eles. Falou do próprio destino de maneira clara, e isso suscita a admiração, o desânimo e a desorientação dos apóstolos. Agora, gradualmente, começa a mostrar o próprio caminho, o próprio mistério do Filho do homem para a vida daqueles que o seguem. Verifica-se exatamente aquilo que os apóstolos, inconscientemente, temiam: o caminho de Jesus é o caminho dos que estão com Ele. (Cf. MARTINI, 1984, p. 73)

Assim somos chocados com sua Palavra direta: “Se alguém quiser ser meu discípulo, renuncie a si mesmo...” (8,34).

*Se pensarmos em Pedro que renega Jesus dizendo não conhecê-Lo, podemos afirmar que a palavra “renuncie a si mesmo” significa precisamente: não me conheço, não dou mais importância à minha vida, não me levo em consideração. Assim também dirá Paulo, resumindo sua vida, no discurso aos anciãos de Éfeso, narrado em Atos 20,18-24. E Jesus continua: “Tome a sua cruz”; isto é, todos os incômodos que o seguimento de Jesus comporta, e: “Siga-me” Toda a força da frase é colocada no verbo “siga-me”; ou seja, todas as outras coisas ditas antes ou depois são os preliminares necessários para poder estar com Jesus, para poder continuar a estar com Ele. (MARTINI, 1984, p. 73-74)*

O que Jesus nos pede com a força de sua Palavra? Pede que O escolhamos no coração, porque ter esta ou aquela situação externa não depende de nós. Mas depende de nós escolhermos no coração uma vida tanto quanto possível próxima ao seu modo de viver entre os homens. É assim que acontece nessa segunda parte de Marcos o encaminhamento para as escolhas evangélicas. Jesus vai à frente, apresenta a si mesmo e convida cada um de nós a estar lá onde Ele se encontra, porque esta é a maneira de compreender profundamente o sentido do Evangelho. Porém quando não se faz a escolha fundamental de estar onde Jesus está, principalmente no itinerário que leva à cruz, não será possível enquadrar as outras verdades evangélicas. (MARTINI, 1984, p. 75-76)

<sup>11</sup> BORG, Marcus J.; CROSSAN, John D. *A última semana: um relato detalhado dos dias finais de Jesus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. p. 44-45.



Quão difícil para os discípulos é tomar a cruz. Champlin nos mostra que:

*Pedro, tendo tomado recentemente o partido de Satanás, e tendo falado como um mero homem, em contraste com alguém divinamente inspirado, repreendera a Jesus por ter ele falado sobre a cruz. Agora Jesus mostra que não pode haver discipulado cristão sem a cruz. Isso mostra quão autêntico é o discipulado cristão, que só pode ocorrer mediante a total abnegação, e não apenas mediante o sacrifício pessoal. [...] O discipulado cristão é extremamente exigente, mas os crentes se consolam em saber que Jesus nos deixou exemplo de sofrimento. (CHAMPLIN, 1982, p. 731)*

Diante disso percebemos que em nossa caminhada com o Evangelho de Marcos e o grupo de Jesus, após a virada pedagógica em 8,29 Jesus logo lança aos discípulos um chamado condicional: “Se alguém quiser ser meu discípulo, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me.” (8,34).

### 3 Conclusão

Para aqueles que dizem sim, o ser discípulo de Jesus se torna claro: “renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me.” Não tem como segui-Lo sem renúncia e sem cruz. Quem sente o chamado e diz sim deve ter a coragem de renunciar ao seu eu, desejos, confortos, privilégios, seguranças, etc. O encontro com a Palavra do Mestre faz com que o novo discípulo não se importe mais com sua vida, e a entregue totalmente à vontade de Deus.

A morte e o sofrimento de Jesus vêm superar a Antiga Lei. Jesus não sofre somente por sofrer. Por detrás de seu rebaixamento, de sua *kenosis*, há um sentido novo, uma pedagogia, um ensinamento e um amor oblativo. Por isso apresentamos a cruz como caminho de seguimento para o ser humano e o cristão no mundo de hoje.

Além disso, o tomar a cruz é essencial. Jesus fez isso antes de todos. E não só no Calvário, mas na sua pregação e missão sentiu várias vezes o peso da cruz: com rejeição, incompreensão, calúnia, perseguição, traição, etc. O discípulo também toma a sua cruz a cada dia. Assume diante de todos que sua decisão tem um sentido maior, pois perder a vida por causa de Jesus e do Evangelho na verdade é ganhá-la. Por isso a cruz não é sofrimento, dor, tristeza ou fracasso, mas sim seguimento, discipulado, caminho e realização. Somente aqueles que entendem e dizem sim



ao convite feito pela Palavra de Jesus podem entender o sentido desse seguimento com renúncia e cruz.

## Referências

- BÍBLIA de Jerusalém. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- BORG, Marcus J.; CROSSAN, John D. *A última semana: um relato detalhado dos dias finais de Jesus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- BORTOLINI, José. *O Evangelho de Marcos para uma catequese com adultos*. São Paulo: Paulus, 2003.
- CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento Interpretado*. V. 4. São Paulo: Milenium, 1982.
- CHED, Myers. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- CHOWN, Gordon. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1981.
- EICHER, Peter. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.
- HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos símbolos: imagens e sinais da arte cristã*. São Paulo: Paulus, 1994.
- MARTINI, Carlos Maria. *O itinerário espiritual dos doze no Evangelho de Marcos*. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1984.
- MIEN, Aleksandr. *Jesus, Mestre de Nazaré: a história que desafiou 2000 anos*. Tradução de Irani B. Siva. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 1998.
- PAGOLA, José Antônio. *Jesus: aproximação histórica*. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2012.
- \_\_\_\_\_. *O caminho aberto por Jesus: Marcos*. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2013.